





# COMO LER UM ESCRITOR

## JOHN FREEMAN



Ilustrações de W. H. Chong

LISBOA:  
TINTA-DA-CHINA  
MMXIII

© 2013, John Freeman  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A  
1500-627 Lisboa  
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título: *Como Ler Um Escritor*  
Autor: John Freeman  
Ilustrações: W. H. Chong  
Tradução: Ana Falcão Bastos  
e Susana Sousa e Silva  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Maio de 2013  
ISBN 978-989-671-162-7  
Depósito Legal n.º 359587/13

*Este livro é dedicado ao meu pai,  
que fez as perguntas difíceis.*



## ÍNDICE

- 9 Tu e Eu:  
*As difíceis lições*  
*de quem idolatra John Updike*
- 16 Toni Morrison
- 26 Jonathan Safran Foer
- 32 Haruki Murakami
- 38 Richard Ford
- 46 Ngũgĩ wa Thiong’o
- 54 Günter Grass
- 60 Nadine Gordimer
- 68 David Foster Wallace
- 76 Khaled Hosseini
- 82 Doris Lessing
- 88 Hisham Matar
- 94 Siri Hustvedt e Paul Auster
- 102 Kazuo Ishiguro
- 108 Charles Frazier
- 116 Edmund White
- 124 Geraldine Brooks
- 130 Imre Kertész
- 136 Oliver Sacks
- 144 Kiran Desai
- 150 Philip Roth
- 158 Lawrence Ferlinghetti
- 166 Dave Eggers
- 174 Vikram Chandra
- 182 Adrienne Rich
- 188 Tom Wolfe

194	Robert M. Pirsig
202	Elif Shafak
208	Peter Carey
216	Mo Yan
222	Donna Leon
228	John Updike
236	Seamus Heaney
242	Joyce Carol Oates
248	Paul Theroux
256	Don DeLillo
264	Louise Erdrich
272	Norman Mailer
280	James Wood
288	Margaret Atwood
294	Mohsin Hamid
300	Richard Powers
308	Alan Hollinghurst
314	Ian McEwan
322	Caryl Phillips
330	Wole Soyinka
336	Salman Rushdie
346	Jim Crace
350	Marilynne Robinson
356	Edmundo Paz Soldán
362	Amitav Ghosh
370	Ayu Utami
376	Frank McCourt
384	Sebastian Junger
390	Geoff Dyer
396	A. S. Byatt
405	<i>Agradecimientos</i>



## TU E EU

### As difíceis lições de quem idolatra John Updike

O meu primeiro apartamento em Nova Iorque era num edifício de Brooklyn que pertencia à editora de uma revista e ao seu marido, um tipo calado e apegado aos livros. Passei muito tempo à frente de uma estante comprida e cheia de pó que ficava ao longo das escadas na casa deles. Para tirar um livro da secção «F», tinha de subir a escada até meio e debruçar-me por cima do corrimão. Um dia, o marido calado e apegado aos livros foi dar comigo à beira de um vão de três metros de altura, com a *Educação Sentimental*, de Flaubert, na mão. Começámos a conversar. Contou-me que tinha mergulhado em Proust quando era adolescente, num Verão que passara em Fire Island. Que Tolstoi tinha sido uma paixão dos tempos da universidade. Eu, que começara a ler tarde, senti inveja daqueles verões literários e preguiçosos. Perguntei-lhe o que deveria ler. Primeiro, ele tirou da estante um livro de contos de John Cheever, e depois deu-me *Corre, Coelho*, de John Updike.

Desisti do Cheever antes de o terminar: as histórias eram piegas e cheias de decisões, os seus apregoados mistérios, muito pouco enigmáticos. Mas Updike era diferente. Devorei *Corre, Coelho* em poucos dias, lendo-o no *ferry* para a cidade, numa hipnose angustiante. Na universidade, tinha-me apaixonado por Jack Kerouac — a história de Sal Paradise e do seu amor pela estrada americana. Mas aquele livro era exactamente o oposto. Tratava-se da história de um homem que se deixara prender a uma vida caseira numa cidade pequena, um homem cujo grande acto

contracultura não fora o de se lançar estrada fora, mas o de se meter num carro e atravessar a cidade para ir dormir com a amante.

Revi-me desde logo na ficção de Updike. Em criança, vivi seis anos na parte oriental da Pensilvânia, e o ambiente fechado da região parecia abraçar-me como uma segunda mãe. Agora que chegara a adulto, era fácil perceber como uma vida daquelas se podia tornar sufocante. A prosa de Updike mostrava-o de uma forma brilhante.

Passei rapidamente de um livro a outro e, em pouco tempo, a minha admiração por Updike transformou-se numa obsessão. Fui fazendo aos poucos uma colecção quase completa de primeiras edições dos seus livros — mais de cinquenta, ao todo —, e a minha namorada, desconfiada e nada convencida por Updike, acompanhava-me frequentemente às livrarias, para eles serem autografados. Quando decidi que também queria ser escritor, fiz o que Updike tinha feito quarenta anos antes de mim. Saí de Nova Iorque e mudei-me com a minha companheira para uma casa branca de madeira em Nova Inglaterra. Ela começou a trabalhar em investigação tecnológica, e eu comecei a escrever. Só que não escrevia. Em vez disso, passava o tempo a ler Updike, cada vez mais consciente de que, com a minha idade, ele já tinha publicado um livro de poemas e um romance, mas igualmente mais sensibilizado pela magnífica tristeza da sua obra — as famílias separadas e destruídas, o fracasso constante do desejo carnal enquanto alívio para a crescente claustrofobia das suas personagens. À noite, por vezes olhava para as prateleiras do nosso quarto e tinha medo de que elas pudessem ceder ao peso atroz que as enchia e esmagar-nos enquanto dormíamos.

Durante o dia, porém, o ar clareava, e as prateleiras, que se iam enchendo de obras de Updike, tornavam-se outra vez um farol. A arte com que dava significado ao mais ínfimo pormenor do mundo visível — tão visível mesmo nos seus romances menos bons

— foi o tema da minha tese de mestrado. Ao mesmo tempo que Updike servia de modelo ao que eu deveria ser como escritor, as suas personagens — cuja vida se assemelhava cada vez mais à minha — eram a antítese do que eu deveria ser como pessoa. Talvez com a repetição da leitura eu conseguisse evitar o desgaste das relações que as suas personagens provocavam quase até à exaustão.

Pelo menos, era o que eu pensava. Aceitei o trabalho de resumir *Tarzan dos Macacos*. Ocorreu-me que o que eu estava a fazer com Updike era uma triste forma de pirataria: decalcar a minha vida da de outro escritor. Além disso, a minha vida pessoal também estava a ser afectada com aquela espécie de imitação. Ao fim do dia, quando o frio de Nova Inglaterra se instalava sob as traves do tecto, eu e a minha namorada começámos a discutir com uma frequência e um rancor cada vez maiores. Eu sentia-me infeliz porque não estava a escrever; ela sentia-se infeliz por razões que eu não conseguia perceber bem. Apesar de termos ambos vinte e poucos anos, começou a pairar sobre nós uma sensação de oportunidades perdidas.

Depois de um ano a viver perto de casais com o dobro da nossa idade, fartámo-nos. Regressámos a Nova Iorque. Longe da condenação predeterminada pela encenação updikiana da nossa vida, sentimos que estávamos a dar um novo fôlego às nossas expectativas. Decidi propor casamento, o que significava que precisava de um anel. Pela última vez, recorri a Updike. Tinha feito algumas limpezas periódicas às prateleiras lá de casa, atacando a minha bibliofilia como um cancro que precisasse de uma cirurgia profunda. Mas ela voltava sempre, frequentemente mais concentrada e pernicioso. Daquela vez, fiz a mais radical das incisões: toda a minha colecção Updike. Foram precisas três viagens de táxi para, ao fim de poucas horas, levar todo o conteúdo daquelas prateleiras a um livreiro de Nova Iorque.

Ao percorrer a Park Avenue num táxi, uma semana depois, com uma pequena caixa de cabedal no colo, senti-me redimido e absolvido. Todo o sofrimento e sabedoria e fraqueza que absorvera através daqueles livros tinham sido materializados numa coisa eterna e pura: uma aliança de casamento. As lombadas daqueles livros deixariam para sempre de me lançar olhares críticos e sombrios. Agora, era finalmente livre para me tornar o marido que queria ser e o escritor que estava destinado a ser. Tinha digerido todo o Updike, e deitara fora os ossos.

Fiquei admirado com a rapidez com que tudo se desmoronou. Um ano depois de casarmos, a minha mulher saiu de casa. Nos nossos piores momentos, imaginava-me a viver sozinho, como um jovem Updike, e a escrever no meu sótão. Agora tinha a casa toda para mim e enchia-a de pontas de cigarro. Quando me punha à janela, a fumar, pensava muitas vezes nos livros de Updike que lera nos últimos dez anos e em como o fracasso de tantos casamentos na sua ficção parecia não me ter ajudado grande coisa. Estudar os livros dele tinha-me tornado um melhor escritor e crítico, mas na vida eu tinha repetido todos os erros das suas personagens.

Divorciámo-nos no Outono. A minha mulher mudou-se para a Califórnia, e as leis do Maine — onde tínhamos casado — exigiam que um de nós estivesse presente na fase final do processo de divórcio. Fui sozinho até Nova Iorque e passei a noite na casa de praia dos meus futuros ex-sogros, com um jantar de lagosta nada comemorativo. Na manhã seguinte, segui para o tribunal com a minha sogra, que ficou à espera nos corredores vazios enquanto eu cortava o ténue fio legal que ainda me prendia à sua filha.

Não voltei directamente para casa. Nessa tarde, por um feliz acaso, tinha conseguido marcar uma entrevista com John Updike no Museum of Fine Arts de Boston. Ele acabara de publicar uma

antologia de ensaios sobre arte intitulada *Still Looking*, e a ideia da entrevista era irmos caminhando por entre os quadros enquanto ele discorria sobre arte em tempo real. Não era a primeira vez que o entrevistava. Quatro meses depois do meu casamento, entrevistei-o a propósito do seu vigésimo livro, *Procurai a Minha Face*. Nessa altura, fiquei deslumbrado com a sua inteligência humilde mas colossal, e aliviado por poder tratá-lo como um entrevistado e não como a prova viva de um sonho abandonado.

Perdi-me quando ia a caminho do museu e cheguei atrasado. Fui dar com Updike à minha espera no átrio de entrada, de calças caqui e um casaco desportivo. Com mais de setenta anos, preservava a sua farta cabeleira e a presença física de um homem em boa forma. Passámos por várias salas, e Updike ia transmitindo a sua admiração pelas obras através de verdadeiros poemas em prosa, sempre de muito bom humor, como se ele próprio se surpreendesse com a facilidade com que a sua mente formulava elogios através da linguagem. A certa altura, no entanto, comecei a desanimar, pois ele voltou-se para mim e perguntou: «Já chega? Parece-me que você está com um ar muito cansado. Ouvi dizer que veio de Vermont?»

Disse-lhe que não vinha de Vermont, mas do Maine, e, em resposta à sua pergunta sobre o que lá tinha ido fazer, disse-lhe que fora tratar do meu divórcio. A entrevista tinha terminado. Updike encarou-me com um afecto sincero, a atitude irónica a ceder.

«Lamento muito», disse. Não me iria deixar falar de ânimo leve sobre o meu divórcio, que acabara de ser decretado, e disse-me já ter passado pelo mesmo, algo que eu já sabia, e que era um inferno. Continuou a dar-me conselhos, mas era tão surreal estar a ouvi-lo falar da sua vida privada que quase nem me lembro do que ele disse.

Mas ele, pelos vistos, lembrava-se. Quando *O Terrorista*, o seu vigésimo primeiro livro, estava prestes a ser publicado, o meu editor

do *Australian* pediu-me para o entrevistar uma vez mais. Liguei para o editor dele e fui incluído numa lista de entrevistas, cuja data foi alterada uma e outra vez. Por fim, liguei para o relações públicas. Ele passou o telefone do altifalante para o auscultador.

O *feedback* que tinha recebido de John relativamente à nossa última conversa tinha sido contraditório. Explicou-me que as calças de ganga rasgadas, a barba de dois dias e a minha explosão de queixas pessoais — que, na minha memória, tinha sido mais uma espécie de fuga de informação — teriam deixado John muito incomodado. Eu tinha de compreender que John era *da velha escola*.

Fiquei sem saber o que dizer. Primeiro, senti-me magoado, envergonhado, mas, depois, tornei-me mais circunspecto. Caso ainda não o soubesse, ficava a saber: um leitor procurar num escritor, ou na sua obra, soluções para os seus problemas é uma invasão de privacidade. Eis a falácia subjacente a qualquer entrevista ou nota biográfica sobre um autor: aproximar demasiado a vida da obra, ou acreditar que um romance pode substituir os erros que uma pessoa tem de cometer na vida para aprender a sobreviver devidamente ou talvez até a ser feliz.

Convenci o relações públicas a deixar-me fazer a entrevista. A conversa correu bem. Teve lugar numa sala de conferências, num prédio em Manhattan tão alto, que me senti a andar de helicóptero. Enquanto comia uma sandes de peru, Updike descreveu-me o que tinha visto no dia 11 de Setembro. Levei o meu melhor fato, o que usara no dia do casamento. Não o mencionei a Updike, e só por uma vez interrompi a torrente dos seus poemas em prosa. Foi um momento Updike perfeito, intenso e discreto, apenas um tudo nada estranho. Ele não teria nada que ver com a minha ficção nem com a minha vida, quer na forma, quer no significado. Elas dependiam inteiramente de mim.



## AGRADECIMENTOS

As entrevistas e artigos deste volume foram originalmente publicados, embora num formato um pouco diferente, em *Age*, *Australian*, *Believer*, *Courant*, *Dallas Morning News*, *Denver Post*, *Granta.com*, *Herald*, *Independent*, *Jerusalem Post*, *Las Vegas Weekly*, *Los Angeles Times*, *Metro*, *Milwaukee Journal Sentinel*, *Nerve.com*, *New City*, *New Zealand Herald*, *Newsday*, *Plain Dealer*, *Poets & Writers*, *San Francisco Chronicle*, *Scotland on Sunday*, *Seattle Times*, *South Florida Sun Sentinel*, *St. Louis Post Dispatch*, *St. Petersburg Times*, *Star Ledger*, *Star Tribune*, *Sydney Morning Herald*, *Times*, *Toronto Star*, *Vancouver Sun and Weekly Alibi*. Agradeço aos editores destas publicações por me terem dado a oportunidade de conversar com tantos escritores extraordinários.

Gostaria também de agradecer a Michael Heyward e a Caro Cooper, da Text Publishing, por terem percebido antecipadamente que os meus textos podiam constituir um livro. As correções e alterações sugeridas pela Caro melhoraram-nos consideravelmente. Oxalá pudesse aplicar a sua inteligência a praticamente todas as outras áreas da minha vida. Obrigado, também, a Sophia Efthimiadou, por me ter salvado de mim mesmo. Agradeço a Ellah Allfrey, Yuka Igarashi, Patrick Ryan e a Ted Hodgkinson, que foram os primeiros leitores. Sarah Burnes e Arabella Stein são amigas com quem dá gozo trabalhar. O seu apoio foi muito além do mero encorajamento. Gostaria ainda de agradecer, e de pedir perdão, à mulher que viveu com estas entrevistas à medida que elas foram sendo escritas, muitas vezes até altas horas da noite, em aviões, comboios, carros,



nas férias, e até à luz da casa de banho de uma estalagem. Se alguma felicidade existe em acabar com uma vida condicionada por prazos, além de poder dormir à vontade, ela está em poder partilhar contigo o tempo livre de novo recuperado.

# COMO LER UM ESCRITOR

foi composto em caracteres  
Hoefler Text e impresso pela  
Guide, Artes Gráficas, sobre  
papel Coral Book de 80 g,  
no mês de Maio de 2013.

